

## A PAMPA NAS PRÁTICAS DE ESCRITA FEMININA NO PERÍODO ENTRE O FIM DO SÉCULO XIX E O INÍCIO DO SÉCULO XX

**ADRIENE COELHO FERREIRA JEROZOLIMSKI;<sup>1</sup> VANIA GRIM THIES<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [adrienejero@gmail.com](mailto:adrienejero@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [vaniagrim@gmail.com](mailto:vaniagrim@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, em fase inicial, faz parte da pesquisa de tese desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. O objetivo deste recorte é identificar em livros escritos por mulheres entre o fim do século XIX e o início do século XX, conteúdos sobre a região da Pampa<sup>1</sup>. Na historiografia tradicional e mais ainda quando se investiga a referida região, a figura feminina é coadjuvante de um homem heróico, forte, que é posicionado na centralidade de uma construção histórica, social, cultural e política, assim como no âmbito ambiental (Schlee e Marques, 2019). A figura do gaúcho é reafirmada na representação do homem solitário montado em seu cavalo rumo a uma paisagem infinita, que, nada mais é do que uma construção marcada por relações de poder.

As vozes das mulheres, muitas vezes, foram apagadas e quando aparecem é por causa de um homem (pai, irmão, marido), o que produz e reproduz narrativas sob um viés masculino e patriarcal (Perrot, 2005). No entanto, as relações sociais, culturais, econômicas, políticas e históricas e ambientais que acompanham a Pampa vêm sendo estudadas, modificadas e descritas também por mulheres. Sombrio (2016) e Leite (2000), discutem que as informações recolhidas por mulheres alcançam um olhar abrangente sobre o espaço e tecem os sentidos, as impressões e as expectativas da vida rural e de seus papéis, num entrelaçamento que permite compreender, além da esfera íntima feminina, parte do universo no qual estão inseridas, seus questionamentos sobre o contexto da época e o cenário rural.

Conforme afirma Michelle Perrot (2019), a história tem um compromisso com o presente ao interrogar o passado, tomando como referência questões de gênero, sexualidade, direitos, família, Estado, religião e cultura. Esses discursos estão em pauta na contemporaneidade, mas por variadas razões e apagamentos, recebem pouca importância na história e nas próprias pesquisas sobre a Pampa.

### 2. METODOLOGIA

Propõe-se como procedimento metodológico de abordagem qualitativa uma pesquisa exploratória e descritiva. Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa busca a abordagem bibliográfica, com a realização do levantamento de informações sobre o tema proposto nos livros escritos por mulheres que viveram ou visitaram a Pampa no período entre o fim do século XIX e o início do século XX. Estas informações são relacionadas ao referencial teórico disponível sobre a escrita feminina produzida e distribuída a partir do século XIX. Por se situar ainda em fase inicial de pesquisa de tese, os resultados e a discussão são preliminares e pretendem indicar os percursos para a pesquisa.

---

<sup>1</sup> Substantivo feminino ou masculino. Origem etimológica: quíchua pampa, planície. É um bioma partilhado característico da região sul do Rio Grande do Sul (RS), Brasil, do Uruguai e parte da Argentina ocupando uma área total de 700 mil quilômetros quadrados (Chomenko, 2016).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando se pensa em viajantes na região pampeana, a quase totalidade das pesquisas trata apenas de homens como: Aimé Bonpland (1773-1858), Auguste de Saint-Hillaire (1779-1853), Arsène Isabelle (1806-1888), entre outros. No entanto, as mulheres fizeram parte dessas equipes, como esposas, filhas e irmãs, ou dirigindo seus próprios grupos. Elas deixaram contribuições essenciais, pois lançaram um olhar interessado sobre questões de gênero, cultura, natureza e as questões políticas da época (Souza, 2019).

Uma pesquisa preliminar sobre mulheres viajantes que estiveram no Brasil nos séculos XIX e XX mostrou mais de 50<sup>2</sup> mulheres provenientes dos países europeus ou dos Estados Unidos. Isso é surpreendente, porque não sabemos quase nada sobre elas ou sobre o que escreveram. Existem poucos estudos, mas a contribuição delas foi essencial para a botânica, turismo, jornalismo, educação e várias outras áreas (Sombrio, 2016; Leite, 2000).

Mais especificamente sobre a Pampa, identificamos duas mulheres que deixaram relatos bastante relevantes, são elas: a escocesa Florence Dixie (1855-1905), que viajou do Rio de Janeiro até a Patagônia a cavalo em 1879 e publicou em 1904 o livro *Across Patagonia* no qual descreve os encontros com as populações locais e com a paisagem; e a inglesa<sup>3</sup> Cecília de Assis Brasil (1899-1934), filha do líder político gaúcho Joaquim Francisco de Assis Brasil. Cecília deixou um conjunto de diários produzidos durante mais de 20 anos que foram selecionados e publicados postumamente em 1983. Os textos contidos nos diários registraram o cotidiano da propriedade rural da família, localizada no município de Pedras Altas, região sul do Rio Grande do Sul, viagens pelo Brasil, Argentina e Uruguai e o contexto cultural, ambiental e político.

Identificamos muitas similaridades entre os relatos, histórias de vida e reflexões de Cecília e Florence. Seus textos contribuem para a construção do contexto da época e do cenário pampeano, seu patrimônio natural e cultural. Neste período histórico, entre o final do século XIX e início do século XX a região vivia o início de um processo de muitas transformações. A Argentina vivia uma renovação política e econômica. O Uruguai também ingressava num período de modernização, com uma legislação eleitoral e social avançada. No Brasil, em 1888 foi sancionada a Lei Áurea (Lei nº 3.353) e em 1889 aconteceu a Proclamação da República, eventos que transformam a vida e a política nacional.

Neste período viveram filósofos e pensadores que criaram teorias e reflexões responsáveis por alterar padrões da sociedade, seja na medicina, nas artes ou nas ciências. Este período é considerado importante também por que houve um aumento das escritas femininas, ainda que mulheres, pelos padrões

---

<sup>2</sup> Rose de Saulces Freycinet (esteve no Brasil entre 1817 e 1820), Maria Graham (1821), Langlet Dufresnoy (1835), Barone E. de Langsdorff (1843 e 1844), Ida Pfeiffer (1846), Adéle Toussaint-Samson (1851), Virginie Leontine B. (1857), Isabel Arundel Burton (1858), Marie Barbe van Langendonck (1860), Elisabeth Cary Agassiz (1865), Carmen Oliver de Gelabert (1870), Marianne Moore (1872 e 1873), Annie Brassey (1876), Ina von Binzer (1881), Marguerite Dickens (1886 a 1888), Teresa da Baviera (1888), Marie Robinson Wright (1889) pelo levantamento de Leite (2000); Florence Dixie (1879), Wanda Hanke (1933 a 1940), Doris Cochran (1937 e 1962), Hanna Rydt (1935), Dina Lévi-Strauss (1936), Carmem Armindo (s/d), Annemarie Scharlank (s/d), Sra. Steen (1936), entre outras citadas por Sombrio (2016).

<sup>3</sup> Cecília nasceu em Washington, enquanto seu pai era embaixador brasileiro nos Estados Unidos. A família voltou ao Brasil em 1907, quando ela tinha 8 anos de idade (Assis Brasil, 1983).

vigentes, devesssem permanecer no âmbito privado e se expressar apenas de maneira íntima. Chartier e Hèbrard (1998) nos lembram que mesmo as mulheres das classes altas, nesta época, estavam destinadas a serem apenas leitoras piedosas ou apaixonadas. Contudo, como afirma Perrot (2005), se inicialmente elas foram mantidas isoladas na escrita privada e familiar e autorizadas a produzir formas específicas de escrita pública (educação, caridade, cozinha, etiqueta), progressivamente se apropriaram de todos os campos da comunicação e da criação. A principal característica dos diários que essas mulheres ou seus familiares publicaram postumamente é uma “grande capacidade de observação, que ultrapassa as diferentes circunstâncias singulares e as diferentes situações pessoais e políticas que enfrentaram” (LEITE, 2000, p. 132).

Descrita como uma mente inquieta, a escocesa Florence Dixie viajou a cavalo em 1879 pelas paisagens do sul da Patagônia, passando por pampas, florestas e cordilheiras descreve os encontros com as populações locais e com a paisagem. Veio para caçar junto com o marido e os irmãos, mas fez descrições detalhadas nas quais menciona a natureza em seu máximo esplendor, o encontro com diferentes culturas como os Tehuelches<sup>4</sup>, as novidades culinárias e os diferentes produtos do território, além da fauna e da flora. Em seu retorno para a Europa, se tornou defensora dos animais, sufragista, defendeu a igualdade completa entre os sexos e publicou inúmeros textos jornalísticos e literários, entre eles o romance Gloriana, uma utopia feminista.

O Diário de Cecília de Assis Brasil também fundamenta-se na interação entre culturas estrangeiras. Fica claro seu interesse pela cultura e linguagem gaúcha e envolve a vida no campo e a situação política do RS com uma aura poética e idealizada, mas tem opiniões fortes e comprehende o momento político, cultural e ambiental. Descrita como uma moça de feições suaves e mãos delicadas, em seus textos Cecília se mostra uma mulher dinâmica, forte, responsável por diversas tarefas da propriedade rural, considerada modelo de sustentabilidade na época, que recebeu autoridades, artistas, cientistas e políticos diversos e abrigava um castelo em estilo medieval construído justamente para conferir nobreza e desfazer o mito da rusticidade da vida no campo.

Florence e Cecília recebiam muitas influências através de suas viagens, contatos com pessoas, situações e com as paisagens nas quais estiveram e, cada uma com sua singularidade, romperam com estereótipos de feminilidade, se relacionaram com o espaçoativamente e escreveram sobre isso de uma forma abrangente. Deram grande atenção às condições da vida cotidiana e fizeram um inventário descritivo das situações vividas e do quadro complexo que era (e ainda é) a diversidade de relações sociais, culturais, econômicas, políticas e históricas. Retomar seus textos pode contribuir para a forma como hoje compreendemos este espaço territorial e imaginário ainda em disputa chamado Pampa.

#### 4. CONCLUSÕES

Para problematizar a história é essencial abranger essas narrativas descritas nos diários das viajantes. Além de registrar apagamentos e silenciamentos sobre os temas postos, a partir de uma análise mais abrangente é possível identificar narrativas e percepções que apontam para a descrição de paisagens alternativas, questões de gênero, a relação cidade e campo, cultura e natureza. Também fornece pistas para compreender o próprio papel desempenhado pelas mulheres na

<sup>4</sup> Os tehuelches são um grupo étnico ameríndio da Patagônia (Correa, 2022).

produção de conhecimento sobre o espaço. Isso reforça a importância das práticas de escrita feminina e a pesquisa sobre as relações com o espaço na época estudada, mas também reverberando nos dias atuais, pois o próprio imaginário sobre este território ainda está em pleno processo de disputa, pelo próprio surgimento de outras narrativas. São temas ricos e que serão devidamente aprofundados ao longo da pesquisa de doutorado.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS BRASIL, C. de. **Diário de Cecília Assis Brasil**: período 1916-1928. Porto Alegre: L&PM, 1983.

CHARTIER, A. M., HÉBRARD, J., ROMERO, T. M., & AUN KHOURY, R. T. Y. (2012). A Invenção do Cotidiano: Uma Leitura, Usos. Projeto História : **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, 17. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11107>

CHOMENKO, L. **Nosso Pampa desconhecido**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2016.

CORREA, M. E. A. **Lady Patagonia. Florence Dixie**. La primera turista de la región magallánica. Ediciones Universidad Católica de Chile, 2022.

LEITE, M. M. Mulheres viajantes no século XIX. In: **Cadernos Pagu (15)**, p.129-143. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2000.

MOTTA, I. P. **Viajantes britânicas na América do Sul**: gênero e cultura imperial (1868 – 1892). 2015. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Historia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo.

PERROT, M. **Minha História das Mulheres**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SCHLEE, J. C. P. e MARQUES, I. R. Mulheres e Pampa: Atravessamentos Históricos e Culturais na Tradição Gaúcha. In: **8º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO E DO 5º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO**, Canoas/RS, 2019. Online. Disponível em: <https://www.2019.sbece.com.br/>

SOMBRIÓ, M. Em busca pelo campo: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX. In: **Cadernos Pagu (48)**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2016.

SOUZA, R. de J. Experiências das viajantes naturalistas durante o século XIX e as representações do Brasil oitocentista. **Revista Brasileira de História da Ciência**. Rio de Janeiro. v. 12, n. 2, p. 236-255, jul - dez, 2019. Disponível em: <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/article/view/61>